



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

POTENCIALIDADES DE UMA ABORDAGEM HERMENÊUTICA DA ARTE E DAS IMAGENS DA CULTURA VISUAL NAS AULAS DE ARTE E NA SALA DE EXPOSIÇÃO: ESPECIFICIDADES E CONFLUÊNCIAS¹

Maria Regina Johann², José Pedro Boufleuer³.

¹ Pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - UNIJUI, pertencente ao Grupo de Pesquisa Teorias Pedagógicas e dimensões éticas e políticas da educação e Grupo de Pesquisa Interinstitucional Racionalidade e Formação.

² Acadêmica do curso de Pós-graduação em Educação nas Ciências - Doutorado - Unijuí

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí e orientador da pesquisa.

Resumo: Potencialidades de uma abordagem hermenêutica da arte e das imagens da cultura visual investiga os pressupostos teóricos da Hermenêutica Gadameriana como fundamento para a interpretação da arte e da imagem em âmbito escolar. A investigação está estruturada em forma de pesquisa-ação epistêmica com professores e estudantes em contextos escolares e também em uma sala de exposição de artes visuais.

Palavras-Chave: ensino de arte; leitura de imagem; interpretação; conhecimento

Introdução

A natureza de uma sala de aula é diferente de uma sala de exposição artística. Em ambos os espaços pode acontecer à aprendizagem sobre arte. Minha pesquisa ocupa-se de entender essas diferenças a partir de um pressuposto hermenêutico gadameriano. Busco entender a especificidade da arte que se apresenta na escola em relação a que se apresenta em uma sala de exposição; as confluências entre a experiência com a obra possibilitada na escola em relação a uma sala de exposição; a especificidade do conhecimento artístico escolar e a natureza do conhecimento que se constrói na presença da obra, ou seja, em uma sala de exposição. Reconhecendo estas especificidades, como pensar o encontro com a obra/imagem e o conhecimento nesses lugares? Qual a natureza do saber escolar? Qual a natureza do saber da sala de exposição? Em que a sala de aula se parece com a sala de exposição? Onde se encontram? Onde se distanciam? São pedagogias distintas que orientam estes espaços? Como pensar a relação entre a obra/imagem e os sujeitos nos espaços da sala de aula e da sala de exposição através de uma abordagem (princípio) hermenêutica? A natureza da arte demanda repensar as pedagogias e/ou estratégias de ensino de arte, isto não significa abandonar a perspectiva do conhecimento da escola, mas respeitar minimamente o objeto, a especificidade da arte.

Os resquícios da tradição de ensino objetivista (ensino diretivista) e relativista (ensino espontaneísta) na educação nos põe a pergunta por uma pedagogia hermenêutica no ensino das artes, uma pedagogia da pergunta como elemento de mediação. Pergunta elaborada por quem não tem “a” resposta, neste caso tanto o professor quanto o aluno. Nesta perspectiva podemos verificar se o aluno tem perguntas?





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

Podemos ensinar a fazer perguntas? Podemos também complexificar as perguntas? Trabalhar com a ideia da “não chave”, o não acesso ao verdadeiro sentido da obra? É possível exercer a maestria sem esse acesso?

Diante de tais aspectos, objetiva-se sistematizar uma experiência de mediação e ensino de arte orientada hermeneuticamente, problematizando a pedagogização da arte e considerando a perspectiva Gadameriana acerca da mesma. Compreender o que é intermediar quando a linguagem não é um instrumento, quando a relação do professor/mediador não é uma relação sujeito/objeto. Investigar em que se sustenta a condição assimétrica da maestria em uma perspectiva hermenêutica e desenvolver a noção de objetividade a partir da ideia de jogo em Gadamer como referência para o processo de mediação e ensino de arte, clarificando o lugar do diálogo na hermenêutica gadameriana e sua contribuição para a mediação e o ensino da arte.

Metodologia

Para desenvolver esta pesquisa adotamos como metodologia de referência a pesquisa-ação integral e sistêmica, baseada na obra de André Morin que entende o pesquisador como um parceiro que se mostra comprometido e corresponsável com a pesquisa. Ele, não somente observa o que ocorre, mas se coloca junto à pesquisa, se expõe e se implica com ela. Miranda & Resende (2006), ressaltam que “a pesquisa-ação é uma concepção de pesquisa que se define por incorporar a ação como sua dimensão constitutiva -, o pesquisador em educação não deixa dúvidas sobre a relevância conferida à prática em seu processo de investigação”, da mesma forma, confere a sua tarefa uma dimensão reflexiva. A partir desse entendimento, as questões acerca da apreciação artística em sala de aula e sala de exposição serão investigadas a partir de vivências de leituras visuais e apreciação de obras e suas reproduções nesses diferentes espaços pedagógicos e, contarão com a participação de professores, alunos e pesquisadora. Diante disso, queremos compreender a especificidade de conhecimento que se constrói nesses espaços.

Resultados e discussão

Palmer (1989, p. 19) menciona que “temos a necessidade de encarar a obra não como objeto, mas como obra” e afirma que “a experiência com a obra de arte abre-nos um mundo” (p. 172) e “[...] logo que deixamos de considerar uma obra como objeto e a vemos como um mundo, quando vemos o mundo através dela, então percebemos que a arte não é percepção sensível, mas conhecimento” (p. 172). Diante desse enunciado me pergunto pelo modo como tratamos a arte na escola e fora dela, como em salas de exposição, por exemplo. Assim, busco na hermenêutica Gadameriana elementos para pensar em como tratar a arte nos diferentes espaços que ela se apresenta respeitando estas diferenças e, fundamentalmente, a especificidade da arte. A hermenêutica pode ajudar a responder isso?

Como legitimar a arte na escola e na sala de exposição quando “a legitimação da arte não está no facto de produzir um prazer estético mas sim no facto de revelar seu ser”. Como apresentar a arte ao aluno e ao público pedagogicamente se “a compreensão da arte não advém de a cortarmos e dividirmos metodicamente como se fosse um objeto, ou da separação forma-conteúdo; vem através de uma abertura ao ser, vem no ouvir da questão que a obra nos coloca”. (PALMER, 1989, p. 173). É possível outra objetividade para com a arte legitimando sua presença e respeitando seu ser? Isto pode ser através





Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

de uma pedagogia hermenêutica para a arte na escola e na sala de exposição? Como instaurar isso considerando os horizontes do sujeito e da obra, mas promovendo o conhecimento que é, por exemplo, um dos objetivos da escola?

A presença da arte na escola pode proporcionar ao aluno a imersão num universo de pensamentos que a obra possibilita em relação ao seu mundo, mediado pelas questões que professor e aluno serão capazes de construir? Também podemos dialogar sobre o que a obra nos coloca, indagando sobre o que isto tem a ver conosco e como nos vemos diante dela, como algo legítimo na escola? Podemos pensar o ensino da arte e a experiência com ela na sala de exposição a partir d fusão de horizontes entre professor, aluno e obra?

Se considerarmos que a obra é pregnante de sentido, temos que considerar que quem a olha e aprecia é um indivíduo que está encharcado de cultura e experiências pessoais e, é isso que vai, de certo modo, definir a sua experiência com a arte. Neste “caldo” hermenêutico, obra e leitor se encontram num movimento de interpretação e compreensão. No esforço de interpretar a obra, redes se estabelecem, convocações de lembranças, ideias, informações e associações serão necessárias para a construção do sentido, pois a obra tem sua presença, se diz e deve ser considerada, ou como afirma Gadamer (apud LAWN, 2007, p. 41), “os trabalhos de arte nos chamam a atenção e nós temos a responsabilidade de ‘ouvi-los’”. Estar aberto à obra é se permitir perceber que ela nos põe uma questão e potencializa um conhecimento.

Um dos desafios do ensino da arte é pensar como podemos ao mesmo tempo em que ensinamos sobre arte, garantir uma experiência com ela que não seja totalmente dirigida e controlada pelo professor a partir de seus objetivos. Inspirada em Hermann (2002) nos indagamos sobre quais as possibilidades de reflexão hermenêutica na educação, de autoconhecimento do agir pedagógico e de produzir novas interpretações sobre o sentido da formação? Neste caso, como tratar sobre arte na escola e fora dela sem a pretensão de controle, ou considerando que ela pode ser uma experiência para além daquela já normatizada pela cultura escolar, uma vez que “[...] quem promove a experiência da arte é a própria obra, no que tem de oculto e com o qual o espectador se identifica na catarse” (FLICKINGER, 2010, p. 61). A arte desafia-nos pela sua simples presença. Embora não diretamente expressa, sua finalidade parece pertencer ao seu modo de ser.

Estamos conseguindo minimamente respeitar esta dinâmica a que Flickinger se refere? Podemos pensar uma formação que possibilite “tematizar a compreensão como modo fundador da existência humana, lançando questionamentos críticos sobre o que é educar, aprender, compreender e dialogar”? (HERMANN, 2002).

Para Hermann (2002, p. 10) educar pressupõe abertura ao outro e, neste sentido afirma que para Gadamer “só a partir do diálogo é possível aprender”, pois “educação é educar-se”. Através de uma educação alicerçada no diálogo e na busca da compreensão, podemos perceber a finitude de nossas ideias, a historicidade do conhecimento e a percepção de que é através das linguagens que damos sentido ao que conhecemos. Por isso uma educação hermenêutica poderia ampliar os horizontes do fazer pedagógico, uma vez que ela nos ensina que as coisas não estão dadas a priori, mas que somos nós quem as fazemos e temos que assumir a dimensão finita deste fazer. Para Hermann (2002, 37-38), “o homem compreende o mundo dentro de um projeto interpretativo que se efetua pela linguagem.



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

Assim, é a linguagem que opera o desvelamento das significações do mundo”. Significações que são construídas pela vontade de compreensão a partir da interpretação de algo. Gadamer (1997, p. 566-581) destaca que “compreender e interpretar são uma e a mesma coisa [...], compreender e interpretar estão imbricados de modo indissolúvel” e nos lembra que toda interpretação é finita, e não traz à tona senão uma possibilidade de apreensão daquilo que é interpretado.

A abertura para o outro e para o diálogo é pressuposto para a compreensão e a partir dela podemos chegar ao conhecimento. A abertura para a compreensão é a ideia central do pensamento hermenêutico e isso se dá através do modo como nos colocamos diante das coisas. Essa relação é tida como um jogo, e “todo jogo necessita de um campo de realização no interior do qual apenas os diversos elementos envolvidos têm uma determinação” (CASANOVA, 2008, p. 61). No jogo nada está definido, o jogo se faz jogando, ele é um acontecimento imprevisível, embora orientado por regras. Para Gadamer (1997, p. 181), “todo jogar é um ser-jogado”, pois “o verdadeiro sujeito do jogo [...] não é o jogador, mas o próprio jogo”. A abertura para essa ideia rompe com a cultura do professor como o centralizador dos processos de ensino-aprendizagem e reposiciona os sujeitos diante de uma ideia de dialogicidade em que o conhecimento se dará pelo esforço de compreensão que cada um deverá realizar. O professor se mantém como figura relevante deste processo, porque na assimetria do espaço pedagógico, ele ocupa um lugar diferenciado e deve se colocar como tal, propondo, mediando e conduzindo a aula para que paulatinamente as assimetrias se dissipem.

Para a professora Ana Mae Barbosa (2002, p. 18-19) a relação que o mediador e o professor podem estabelecer entre obra e público é de mostrar que “não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em sua obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora, em nosso contexto, e o que disse em outros contextos históricos, a outros leitores”. Por isso, compactuamos que medição é estar entre; entre a obra e o sujeito.

Conclusões

Estar na presença da obra significa olhar, ver e perceber a plasticidade da materialidade da mesma sem a padronização ou interferência dos procedimentos de reprodução, como a fotográfica, por exemplo. “A experiência de estar na presença da obra proporciona a percepção daquilo que a reprodução da imagem ou sua descrição não dão conta de mostrar” (JOHANN, RORATTO, 2011, p. 6). Para Gadamer (1997, p. 175) “[...] A obra de arte tem, antes, o seu verdadeiro ser em se tornar uma experiência que irá transformar aquele que experimenta”, pois o encontro com a obra nos põe uma questão, a questão que provocou o seu ser, uma vez que para Gadamer a arte situa-se, exige um lugar e cria para si mesma um lugar aberto. Diante dela, entramos num jogo que “[...] é o próprio modo de ser da obra de arte” (GADAMER, 1997, p. 174). Gadamer (1997) também afirma que as obras não pertencem aos museus, onde são reunidas num lugar não localizado, pois elas foram criadas por alguém, num tempo/espaço que necessita ser presentificado pelos interpretes. Tanto na escola, quanto na sala de exposição, o esforço do professor e do mediador pode ser o de viabilizar o encontro com a obra, considerando os objetivos desses espaços, alicerçada no diálogo e nas relações intersubjetivas possíveis aí. Intersubjetividade que não preconiza o “controle do olhar” mas, compreende que potencializá-lo,



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVII Jornada de Pesquisa

alargá-lo, é “ver-junto” para que as singularidades se enriqueçam. “A hermenêutica é isto: o saber do quanto fica, sempre, de não-dito quando se diz algo” (ROHDEN, 2008, p. 77).

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Ana Mae. (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.
- CASANOVA, M. A. Hans-Georg Gadamer: a compreensão em jogo ou o jogo da compreensão. In: Revista Mente, Cérebro & Filosofia, v. 11, 2008.
- FLICKINGER, Hans-Georg. A caminho de uma pedagogia hermenêutica. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- HERMANN, N. Hermenêutica e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (O que você precisa saber sobre).
- JOHANN, M. R.; RORATTO, L. J. A dimensão educativa da mediação artística e cultural: a construção do conhecimento através da apreciação na presença da obra. In: Revista Digital do LAV, ano IV, n. 7, set. 2011.
- LAWN, C. Compreender Gadamer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (Série Compreender).
- MIRANDA, M. G.; RESENDE, A. C. A. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a11v1133.pdf>>. Acesso em: out. 2011.
- MORIN, A. Pesquisa-ação integral e sistêmica: uma antropopedagogia renovada. Traduzido por Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- PALMER, R. E. Hermenêutica. Lisboa: Edições 70, 1989.
- ROHDEN, L. O diálogo que nós somos: pontes entre hermenêutica e psicologia. In: Revista Mente, Cérebro & Filosofia, v. 11, 2008.